

Anônimo, obras da coleção Canções Populares do Brasil

O vago mestre

Editoração: Marcílio Lopes

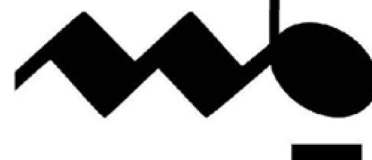
Instituição: Biblioteca Nacional da França

Coletânea: Canções Populares do Brasil

Fonte: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b10072119b/f1.item>

VOZ
(voice)

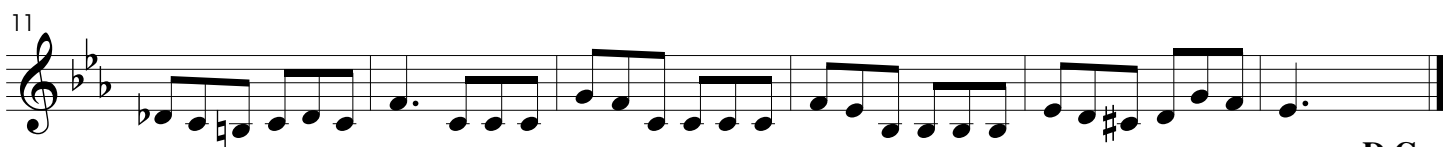
1 p.



MUSICA BRASILIS

O vago mestre

Anônimo,
obras da coleção Canções Populares do Brasil



D.C.

Nasci como nasce
Qualquer vago mestre,
Não sei, nem soube
Quais foram meus pais.
Cresci nas tavernas
Ao som das garrafas
Pescando de linha
Na beira do cais.

Já cursei as aulas
De todos os vícios,
No jogo sou mestre
No furto sou rei.
Conheço as combucas
De toda a cidade
Com água da pipa
Foi que me criei.

Cigarro no queixo
Chapéu desabado
Faca na cinta
Cacete na mão.
Gingando na rua
Com ar insolente
Provoco a polícia
Tomando o facão.

Eu para Fernando
Já fui arriscado
Por causa do roubo
Que fiz no café.

Valeu-me a firmeza
Que tive no pulso
Valeu-me a destreza
Que tive no pé.

Em noite de escuro
Se tenho dinheiro
Enterro-me às vezes
No grosso pifão.
Em noite de lua
Encosto-me à esquina
Cantando modinha
No meu violão.

Se caio no meio
De um samba gostoso
Não me apanhem
Não vejo ninguém.
E pacholamente
Conquisto as mulatas
Sem ter muitas vezes
No bolso um vintém...

Se ouço na rua
Tocar a charanga
Ponho-me contente
Saltando a pular.
Distraio-me às vezes
Quebrando vidraças
Xingando os basbaques
Que vejo passar.

De noite somente
Por simples gracejo
Apago na rua
Os bicos de gás.
Tenho um emprego
Que me é rendoso
Vendendo brilhantes
De Cumes de Váes.

Se compro fiado
Não pago a quem devo
Todos intimidam-se
Da minha navalha.
E assim vou vivendo
Sem eira nem beira
Gozando as delícias
Da vida canalha.

Se o sono me pega
Cansado do preste
Não busco outro abrigo
Para lá ficar.
As geladas pedras
Me servem de leito
As portas da igreja
Me servem de lar.

Que me importa o vulgo
Me chamar moleque
Por me ver constante
Na venda a beber.
Pois se sou amigo
Das águas vertentes
Por isso só quero
Na venda viver.

Se almoço, não janto,
Se janto, não ceio
Para mim é bastante
Comer uma vez.
Para casa não levo
Nenhum desaforo
Visito as cadeias
Três vezes por mês.

Se estou em casa
Faço e aconteço
Se saio à rua
Sou forçado a brigar.
Não conto desgraça
Quebrando cabeça
Virando moleques
De pernas para o ar.